ISSN: 2358-8829

O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO: UM RESPIRO DE REPRESENTATIVIDADE PARA CRIANÇAS PRETAS

Maykon Renan Ferreira de Aguiar [1]

INTRODUÇÃO

Ao pensar na importância da representatividade na vida de pessoas pretas, a falta dela já vem desde a infância, que é o momento onde as crianças começam a buscar inspirações e também aspirações. Ao observar, por exemplo, os desenhos animados ou livros aos quais elas têm acesso, poucos ou quase nenhum é composto majoritariamente por personagens pretas. Além disso, também há uma dificuldade em ter protagonistas pretos nessas formas de arte.

Trazendo à tona a realidade da obra O Pequeno Príncipe, o tão famigerado clássico de Exupéry, não há representatividade para crianças pretas - ao menos não há registros disso. Na narrativa, o foco está na vida e na trajetória de um menino branco, loiro e de olhos azuis que busca sua "liberdade" por meio de viagens e viagens. Entretanto, fica a seguinte questão: onde as crianças pretas veriam-se representadas nessa busca por essa tal liberdade? A resposta é simples: não há possibilidade. Objetiva-se, portanto, com esta pesquisa, analisar como as obras da literatura afro, em específico O Pequeno Príncipe Preto (2020), podem atuar como forma de aceitação e representatividade na vida de crianças pretas.

A representatividade pode - e deve - começar já desde a infância, entretanto, enquanto crianças brancas enxergam-se representadas pela literatura clássica - e também a não clássica - as crianças pretas encontram-se preocupadas em defender-se de insultos e violências sofridas nos âmbitos educacionais. De acordo com o G1, em pesquisa publicada no ano de 2023, o "ambiente escolar é o mais citado por brasileiros entre os locais onde já sofreram racismo" (G1, 2023) e isso é algo que prolonga-se até a adultez - e outras fases da vida. Ainda de acordo com a pesquisa, das 2 mil pessoas ouvidas,

[1] Graduado em Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa pela UEPB; Pós-graduando em Educação em Direitos Humanos, Diversidade e Questões Étnico-sociais ou Raciais e Professor Substituto da UEPB/CH.

cerca de 38% alega já ter sofrido racismo na escola. E, diante dessa informação, é importante reiterar o que já foi dito antes: as obras clássicas não refletem essa realidade.

Em contrapartida, conforme sugere o título, a obra O Pequeno Príncipe Preto (2020), que é de autoria de Rodrigo França, traz as belezas da cultura afro-brasileira e negra. Além disso, são trazidos elementos que enaltecem traços que por muito tempo foram deixados à margem ou foram sequer considerados.

Nas crianças pretas, a cor da pele, o cabelo, os traços negróides e afins, são os maiores alvos de ataques e isso também aconteceu - por muito tempo - no âmbito literário. No entanto, com a ascenção de uma literatura afro, que, de certo modo, trata-se de uma literatura de resistência, revolta e rebeldia, esses traços começaram a ser valorizados e também tratados como "importantes" e "relevantes". França (2020) traz esses traços de um modo muito patente. Há trechos onde o cabelo, a pele e o nariz são enaltecidos e isso faz com que crianças pretas possam, ao terem contato com a obra, verem-se dentro das tantas linhas escritas pelo autor.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de que, embora os estudos dentro do campo racial e de representatividade estejam caminhando de um modo avançado, ainda é uma área que carece de mais estudos e análises. Crianças pretas precisam ser vistas também como parte das construções literárias e foi isso que Rodrigo França (2020) percebeu ao colocar um Príncipe Preto como protagonista de um livro desenvolvido para crianças - mas não somente.

Este trabalho baseia-se nos estudos de Freire (1987) ao tratar sobre a forma com a qual o sujeito é oprimido socialmente e como isso faz com que ele não usufrua, por exemplo, das suas próprias práticas de liberdade; Munanga (2005) ao trazer à tona as formas com as quais o combate ao racismo na educação pode ser diretamente efetivado; Hooks (2013) que, ao basear-se em Freire, aponta questões de conscientização e combate à violência racial nos âmbitos sociais e sobretudo dentro das escolas; Ribeiro (2017; 2019) ao elencar práticas e formas de combater o racismo estrutural e elencar, ainda, as possibilidades de fala dessas crianças pretas dentro dos âmbitos educacionais. Como *corpus,* a utilização de França (2020) demonstra a importância de um trabalho crítico-literário dentro das escolas a fim de que a representatividade possa, de modo organizado - mas também rebelde -, ser uma realidade social e deixar o campo das ideias, das utopias. A escolha desses nomes, enquadra-se na necessidade de uma valorização maior de autoras e autores que versem sobre a temática do racismo e

ISSN: 2358-8829

também que tragam, de forma evidente, os moldes pelos quais esse crime previsto por Lei pode ser efetivamente combatido e, com muito custo, que seja erradicado.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho enquadra-se no modo qualitativo, tendo em vista que não lida diretamente com números e estatísticas, mas com aquilo trazido pela literatura e também amparado pela própria literatura. Isso, por sua vez, enquadra-se, também, em um caráter bibliográfico, uma vez que toda a análise e a parte dos resultados serão amparados em uma obra literária cujo enfoque está na valorização da cultura afro-brasileira e, paralelamente, também a valorização de um trabalho efetivo com as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que são, perante a Constituição, os pilares dos regimentos concernentes às temáticas raciais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme dito anteriormente, a representatividade de pessoas pretas é um ponto a ser cotidianamente discutido e, se não fortalecido, criado. É um trabalho hercúleo que depende de muitas mãos para que possa, de fato, ser executado, tendo em vista que inicia-se - ou deveria iniciar-se - na infância.

Na escola, lugar onde habilidades de leitura crítica deveriam ser exploradas e desenvolvidas, há, por parte de crianças pretas, uma preocupação maior em manterem-se seguras e longe de ofensas e da própria violência racial que “paira” sobre o cenário educacional brasileiro e mundial. Se não há um cuidado com essa problemática social - racismo -, o ordinário é que as crianças enxerguem-se mais como problemas do que como as próprias soluções de lutas históricas. Acerca disso, Freire (1987) indica que:

> (...) desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem, a si mesmos, como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. (Freire, 1987, p. 16)

ISSN: 2358-8829

O que o autor diz - ou quer dizer - é que deixar que crianças pretas cresçam ouvindo, por exemplo, que são inferiores, que são macacas, que têm cabelos feios e fedorentos, faz com que diminuam-se cada vez mais e não enxerguem em si sujeitos passíveis de afeto, amor, carinho e, por fim, não vejam-se como dignas de terem representações em espaços sociais e históricos, a exemplo da própria literatura. A fim de quebrar com esse estigma, França (2020), em um de seus livros, fala:

> Devo tanto à Baobá, sabe? Sabedoria é comida que nos alimenta. Existe uma coisa chamada ancestralidade. Antes dessa árvore, existiu outra árvore, antes existiu outra árvore, e mais outra, outra e outra... Antes de mim vieram os meus pais, os meus avós, os meus bisavós, os meus tataravós, os meus ta-ta-taravós... Todos eram reis, rainhas. (França, 2020, p. 08)

O enaltecimento da ancestralidade culmina, por consequência, na valorização da representatividade e também no estímulo à sua própria criação, tendo em vista que o reconhecimento de quem veio antes de você e suas respectivas lutas reflete diretamente na pessoa que quer se tornar no presente e futuro. Ademais, a retratação de ancestrais que foram reis e rainhas e não a perpetuação de que foram somente "escravos"[2] ao invés de "escravizados" ajuda na construção de uma autoestima e também de um pertencimento a uma história que nem sempre foi de exclusão e marginalização social. Ainda sobre o papel dos opressores na vida de crianças pretas, Freire (1987) elenca:

> Esta violência, como um processo, passa de geração a geração de opressores, que se vão fazendo legatários dela e formando-se no seu clima geral. Este clima cria nos opressores uma consciência fortemente possessiva. Possessiva do mundo e dos homens. Fora da posse direta, concreta, material, do mundo e dos homens, os opressores não se podem entender a si mesmos. Não podem ser. Deles como consciências necrófilas, diria Fromm que, sem esta posse, "perderiam el contacto con el mundo"12 . Daí que tendam a transformar tudo o que os cerca em objetos de seu domínio. A terra, os bens, a produção, a criação dos homens, os homens mesmos, o tempo em que estão os homens, tudo se reduz a objeto de seu comando. (Freire, 1987, p. 25)

De acordo com o autor, quem comete tal violência nem sequer tem conhecimento de si ou muitas vezes de suas atitudes. Trata-se de um processo hereditário ou geracional, onde pessoas ouvem algo e tendem a repercutí-lo em suas falas. Isso, obviamente, não justifica as práticas do racismo, mas ajuda a compreender como elas, de fato, instalam-se nas veias da sociedade de modo a prejudicar toda uma geração de pessoas pretas. As ofensas e insultos funcionam, conforme Evaristo (2016), como uma

[2] O termo mais adequado ao uso é da "escravização", tendo em vista que não retrata um estado, mas uma condição. Condição das pessoas que foram trazidas, por meio da força, às Américas.

ISSN: 2358-8829

faca a laser que pode, inclusive, cortar até a alma por ser tão afiada. Os pretos sangram ao serem atingidos por essas palavras-facas que os atingem diariamente e em diversos espaços sociais - ou, caso prefiram, esferas sociais.

No que diz respeito, agora, à cor da pele, há, ainda, uma retaliação errônea ainda maior, pois é uma das principais causas de ofensas à pessoas pretas. Entretanto, a fim de vencer esse estigma, França (2020) traz, em seus escritos, elementos que possam enaltecer a pele negra e, ao invés de tratá-la como inferior, trata-a como passível de valorização, cuidado e atenção. Ele traz:

> A minha pele é da cor desse solo. Quando eu rego fica mais escuro, cor de chocolate, de café quentinho. As cores são diferentes, iguais aos lápis de cor. Tem gente que fala que existe um lápis "cor de pele". Como assim? A pele pode ter tantos tons... Eu sou negro! Um pouco mais claro que alguns negros e um pouco mais escuro que outros. É como a cor verde...Tem o verde-escuro e o verde-claro, mas nenhum dos dois deixa de ser verde. Eu gosto muito da minha cor e dos meus traços. (França, 2020, p. 09)

O cuidado com a retração do ser negro, é algo muito evidente na escrita de Rodrigo França (2020) e toda a obra encontra-se repleta de termos de valorização da cultura afro. O Pequeno Príncipe Preto (2020) traz uma consciência de conhecimento de si que muitas pessoas pretas demoram décadas para obterem - e nem sempre acontece. O conhecimento de seus traços e também a sua autovalorização fazem com que as crianças pretas, ao lerem, começam a colocarem-se no centro da narrativa, fazendo com que o estigma da exclusão ou marginalização seja, parcialmente - ou de modo crescente - deixado de lado. Ademais, o autor também traz mais alguns elementos de autovalorização que ajudam nesse processo de construção de uma representatividade preta:

> Minha boca é grande e carnuda. Olhe o meu sorriso, como é simpático e bonito! Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz. Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus. Meu cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém. Antes eu cortava meu cabelo bem baixinho, mas agora estou deixando crescer. Quero que fique para cima igual aos galhos da Baobá. Vai crescer, crescer, crescer... Vai ficar forte, brilhoso, volumoso. Olhe para o céu! Ele será o limite. (França, 2020, p. 10)

A boca, o sorriso, o nariz, os olhos e o cabelo são, desde sempre, os principais alvos de ataque às pessoas pretas. Atacam os pretos somente por serem pretos. Isso, inclusive, afeta-os em diversas áreas da vida e, conforme já dito anteriormente, a educação é uma dessas áreas. Acerca disso, Hooks (2013) indica que:

ISSN: 2358-8829

> Ninguém sabia como seria uma confraternização integrada. O período da dessegregação racial, na nossa adolescência, tinha sido repleto de hostilidade, raiva, conflito e perda. Nós, negros, estávamos com raiva por ter de sair da nossa querida escola Crispus Attucks, somente para negros, e ter de percorrer meia cidade de ônibus para ir à escola dos brancos. Nós é que tínhamos de viajar para fazer da dessegregação uma realidade. Tínhamos de renunciar ao que conhecíamos e entrar em um mundo que parecia frio e estranho. Não era nosso mundo, não era nossa escola. (Hooks, 2013, p. 37 - 38)

De acordo com a autora, a sua infância enquanto menina preta não foi fácil, sobretudo nos Estados Unidos, onde o processo de segregação era bem mais duro à época. Hooks (2013) traz elementos de um olhar crítico de uma estudante preta dentro do mundo de brancos da realidade norte-americana. Para estudar, precisaria deslocar-se da cidade e ir à uma escola de brancos que, segundo ela "(...) não era nosso mundo, não era nossa escola." (Hooks, 2013, p. 38) e isso, por sua vez, dificulta o processo de construção da representatividade e de auto aceitação enquanto pessoa preta. Munanga (2005), em sua obra intitulada como "Superando o racismo na escola" (2005), há um trecho que bem retrata a realidade das pessoas negras enquanto sujeitos sociais:

> (...) a humanidade e a cidadania, na maioria das vezes, são representadas pelo homem branco e de classe média. A mulher, o negro, os povos indígenas, entre outros, são descritos pela cor da pele ou pelo gênero, para registrar sua existência. A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto-rejeição, resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais e em preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações. (Munanga, 2005. p. 21 - 22)

Dentro das escolas, sobretudo nos livros didáticos, conforme a citação, há uma representação quase que majoritária do homem branco em detrimento aos homens pretos e, de modo mais excludente ainda, no que diz respeito às mulheres pretas. Todos são desconsiderados por não serem "dignos" o suficiente para ocupar as grandes páginas - físicas - de ensino. Munanga (2005) traz, ainda, que toda essa negação à cultura afro faz com que os próprios sujeitos pretos passem a rejeitarem-se enquanto pretos, fazendo, assim, com que fiquem mais confortáveis com características - físicas e mentais - e costumes de brancos. Trata-se de um racismo estrutural, quase que velado.

Como foi falado no quesito costumes, também é interessante acrescentar um trecho do livro de França (2020) onde ele retrata a valorização das religiões e costumes de matrizes africanas:

> Vou contar uma história. Uma vez eu estava triste aqui no meu canto. Não lembro o motivo. Porque tristeza, se veio, deve ir logo. O tempo estava um pouco fechado, vinha um cheiro de chuva, mas ainda não chovia. Só havia muitos raios. Você sabia que, para alguns, os raios são dois guerreiros lutando? Na verdade são uma guerreira e um guerreiro: Iansã e Xangô. Assim, cada vez que suas espadas se tocam, faz um grande barulho de explosão. (França, 2020, p. 11)

A valorização de nomes como "Iansã e Xangô" (França, 2020, p. 11) provoca uma discussão ainda mais patente, uma vez que traz nomes de entidades das religiões de matrizes africanas e isso, por sua vez, já faz crescer conflitos internos e externos acerca das crenças de cada um. Ao ser apresentado, por sua vez, a uma criança, haverá - ao menos pelo senso comum - uma crítica por parte com relação às suas próprias crenças e, por consequência, também a de seus pais. Isso ajuda na construção de sua própria identidade enquanto sujeito pensante, crítico e também reflexivo, conforme também sugere Freire (1987).

Nas páginas seguintes, são trazidos alguns dos outros personagens importantes para o enredo e, a fim de fortalecer a representatividade dentro da literatura, a representação física dessas personagens são todas com características pretas. O símbolo da realeza dentro da narrativa, o Rei, está posto como um homem preto retinto e logicamente com sua coroa na cabeça. Ao enxergarem isso, as crianças pretas podem, mesmo através de uma visão ingênua, vêem-se representadas no sentido de que há possibilidade de estarem dentro do campo da realeza, das realidades mais palacianas possíveis.

Pensando em tudo isso que foi discutido até aqui, é interessante trazer à tona a seguinte indagação: é possível ter lugar de fala diante de uma sociedade tão segregada? Acerca disso, Ribeiro (2019) diz que trata-se de uma temática a ser abordada e pensada numa vertente coletiva e não somente individual, pois caracterizá-la somente por uma perspectiva individual faz com que alguns indivíduos, por exemplo, nem sequer considerem a existência de racismo em solo brasileiro.

Ainda sobre essa representatividade rasa que crianças pretas encontram na escola e na literatura, Munanga (2005) diz que a "(...) criança negra era ilustrada e descrita através de estereótipos inferiorizantes e excluída do processo de comunicação, uma vez que o autor se dirigia apenas ao público majoritário nele representado, constituído por crianças brancas e de classe média." (Munanga, 2005, p. 23) e isso, por sua vez, corrobora com tudo que foi explorado neste trabalho. A literatura por si só, sempre foi

ISSN: 2358-8829

destinada aos brancos, à chamada "elite brasileira" que nada mais é que uma parcela mínima, mas supremacista e hegemônica da sociedade.

Para Ribeiro (2017), não é necessário que você não seja racista, é preciso, porém, que você seja e atue como uma pessoa antirracista e, diante disso, ela indaga:

> (...) o que, de fato, cada um de nós tem feito e pode fazer pela luta antirracista? O autoquestionamento — fazer perguntas, entender seu lugar e duvidar do que parece "natural" — é a primeira medida para evitar reproduzir esse tipo de violência, que privilegia uns e oprime outros. (Ribeiro, 2017, p. 11)

Conforme a autora sugere, é preciso indagar-se a si antes de falar algo que seja ofensivo. Notar se, de fato, vale a pena. A resposta, sem titubear, já é sabida. Além disso, ela traz, ainda, métodos práticos que ajudam na diminuição da violência racial que é tão corriqueira em nosso país e tal qual já foi dito antes, começa, quase que como um *modus operandi,* dentro do ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representatividade na vida de pessoas pretas, sobretudo na vida das crianças, é um fator determinante no seu próprio reconhecimento enquanto sujeitos dignos de respeito, valorização, afeto e cuidado. Conforme sugerido no objetivo, este trabalho buscou analisar como a obra O Pequeno Príncipe Preto (2020) pode ajudar no nascimento ou no amadurecimento de uma representatividade plena.

É importante ter em mente que não é somente a leitura que vai atuar como essa "válvula de escape" para o povo preto, mas também um trabalho feito a muitas mãos. Rodrigo França, ao trazer um menino preto como protagonista de uma obra da literatura infantil e juvenil, deu o primeiro passo rumo a uma valorização maior do ser negro ou mesmo do ato de tornar-se negro - isto quando já não o enxergar como tal desde antes.

Ainda nessa seara, é necessário destacar o papel da literatura como símbolo de aceitação e também de empoderamento. As crianças pretas, ao terem contato com esse tipo de escrita social, vão começar a se entenderem como cidadãos assim como os demais. Ademais, obras assim, que retratam a realeza presente no preto, são uma forma evidente de conscientização social, conforme também sugere Bell Hooks (2013).

Palavras-chave: Pequeno Príncipe Preto, Representatividade, Racismo, Crianças pretas, Literatura

AGRADECIMENTOS

Enquanto menino preto, nunca havia me visto representado nas animações ou mesmo na própria literatura e isso me doía de modo que nem consigo falar. Hoje, enquanto jovem preto, vejo-me representado em diversos âmbitos sociais e, dentre eles, encontra-se a literatura. A referida obra utilizada por mim nesta pesquisa, foi meu primeiro contato, já na universidade, com um livro de autoria preta e que versa, também, sobre uma pessoa preta.

O Pequeno Príncipe Preto, para mim, tornou-se símbolo de acalento, representatividade, força, resistência e também de afeto. Não é à toa que utilizei-o em meu TCC, também como *corpus*.

Agradeço à organização do CONEDU pela excelente realização do evento, mas trago um agradecimento ainda maior pela aceitação de meu trabalho na função de "Comunicação Oral". Sem a aceitação, isso não teria sido possível.

Obrigado!

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** - 17ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

G1. Ambiente escolar é o mais citado por brasileiros entre os locais onde já sofreram o racismo, diz pesquisa. **G1, 2023.** Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/15/ambiente-escolar-e-o-mais-citado-por-brasileiros-entre-os-locais-onde-ja-sofreram-o-racismo-diz-pesquisa.ghtml. Acesso em 03 de outubro de 2026.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir:** a educação como prática de liberdade. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola.** - 2ª ed. - Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **O que é:** lugar de fala?. - Belo Horizonte: Letramento: Justificando: 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das Letras, 2019.